

ESPIRITISMO NOSSO DE CADA DIA

Senhora, senhores, meus queridos irmãos, muita Paz. O nosso tema é um tema próprio a reflexões: “o Espiritismo nosso de cada dia”. A proposta desta temática se apóia exatamente no fato de que a Doutrina Espírita veio à Terra dentro de um contexto social, moral, espiritual enfim, bastante complexo, quando o mundo estava a braços com todo um processo criado pelo milenário materialismo, pelo materialismo acadêmico, que gradativamente foi se tornando um materialismo individual. Cada um foi adaptando as idéias dos materialismos à sua própria vida, mas ao mesmo tempo vivíamos a época em que Augusto Comte (*filósofo francês, pai da Sociologia e do Positivismo*) havia trabalhado seu positivismo, e a partir da expressão positivista de Comte não haveria verdades admissíveis sobre a Terra que não passassem pelo crivo laboratorial da ciência hiper-objetiva, e isto naturalmente veio deflagrar o movimento de morte lenta das outras áreas de conhecimento, dos outros caminhos do conhecimento. E até hoje, mesmo no nosso Movimento Espírita, em que nós propomos sempre uma abertura de visão, uma lucidez para as reflexões, ainda encontramos os companheiros que admitem que se a ciência não provar, não é verdade. E com isto nós voltamos ao positivismo ‘comteano’, admitindo que somente sejam verdades as coisas que a ciência prova. A ciência é um caminho do conhecimento, mas nós temos, como todos o sabemos, a via do conhecimento científico, a via do conhecimento filosófico, a via do conhecimento artístico, do conhecimento teológico, e desse modo cada uma dessas vertentes vai nos dando elementos para construir a nossa vida. Logo, quando chega o Espiritismo nessa contextualização toda, encontra já a humanidade européia completamente carcomida, completamente atormentada por esses valores, entre aspas, que foi assimilando gradativamente. O trabalho de Comte foi um trabalho fortíssimo, numa época em que se precisava disciplinar algumas coisas no território das ciências. No momento em que as ciências precisavam gritar a sua importância, o seu valor. No entanto, tudo que extrapola, tudo que excede, costuma perturbar. E nós gostaríamos então de começar a voltar às raízes, às origens da nossa Doutrina Espírita, trabalhando a idéia do porque ela veio até nós e qual é o sentido da Doutrina junto a nós. E sabemos que nesse olhar para a Doutrina, no que ela tem de importante para nossas vidas, o que ela serve de parâmetros, de padrões, de paradigmas, para que a gente possa viver uma vida melhor, se faz importante que verifiquemos a quantas vai o nosso materialismo diário. Como é que nós estamos conduzindo nossas próprias existências. Porque temos a impressão que nesses dias, muito difíceis, dias de transformação, dias de mudança no planeta como um todo, nós, espiritistas, às vezes, adormecemos sobre os louros, imaginando que já estamos resolvidos. Já somos espíritas, já conversamos com os Espíritos, já damos passividade a Espíritos, já conhecemos o texto da codificação, e agora tá tudo resolvido. Quando não é bem assim. Ainda nos deparamos diante dos conflitos que nos atormentam.

Então o primeiro momento que eu gostaria de chamar a atenção para nossas gerais reflexões, no que diz respeito ao Espiritismo nosso de cada dia, é esse Espiritismo nosso trabalhar em nós em cada dia. É muitíssimo comum acompanharmos a nossa marcha em que o Espiritismo tem um sentido bastante bonito e importante, dentro da Casa Espírita, dentro do Movimento Espírita. Mas na nossa vida particular, na nossa vida individual, o Espiritismo inexistente e costumamos muitas vezes ouvir as observações de alguns companheiros a dizer que eles são espíritas, mas não são ortodoxos. Querendo dizer que eles não têm obrigação de viver o Espiritismo. Uma coisa é falar, é ser bom pregador, é ser bom médium, outra coisa é adaptar a vida a isto. Mas o mais importante para que se fale e se converta e não se convença somente, é que a gente transmita uma vibração de verdade, e somente se transmite uma vibração de verdade naquilo que se diz, quando essa coisa que se diz está refletindo aquilo que se faz. Senão vamos ficar como os velhos fariseus dos ensinos de Jesus. Então o indivíduo que se afirma espírita, mas não ortodoxo, ele não está dizendo nenhuma tolice e ao mesmo tempo está dizendo uma grande tolice. Porque o verdadeiro espírita não adota a ortodoxia no sentido pejorativo do termo. Adotará a ortodoxia no que diz respeito a seguir corretamente aquilo que está prescrito, mas não nesse sentido do absolutismo, do fanatismo, desse ‘absurdismo’ que muitas vezes vamos encontrando nas mentalidades de muita gente. Logo, outros dizem “eu sou espírita, mas não sou fanático”. Quando ele quer ter ensejo de fazer o indesejado pela Doutrina ou desaconselhável pelo Evangelho, pela Doutrina Espírita, aí a criatura sai com essa: “eu sou espírita, mas não sou fanático”. Mas ele se esquece que a partir do momento que a pessoa se fanatiza, ela já deixou de ser espírita. Porque não convivem as duas coisas. A Doutrina Espírita é a doutrina do não fanatismo, por-

que é a doutrina do bom senso. E toda pessoa que desenvolve bom senso, que trabalha dentro de uma lógica, de equilíbrio, não se fanatiza, porque nós sabemos os limites superiores e os limites inferiores das coisas. Sabemos por onde estamos caminhando, até onde nós deveremos trabalhar, até onde deveremos cuidar da família, até onde temos que cuidar do nosso trabalho profissional, até onde temos que atender ao nosso lazer. Então, o espírita verdadeiro é essa criatura lúcida. Então espírita fanático perdeu o sentido. Não existe espírita fanático. Fanatizou é porque foi na contra-mão do Espiritismo. Quem está na mão correta não se fanatiza, porque já está desenvolvendo ou já desenvolveu esse equilíbrio, tão necessário e tão importante. De modo que é importantíssimo que a gente comece a verificar esse Espiritismo no nosso cotidiano. Como é que ele está trabalhando as nossas entranhas. Há outros que dizem ainda “eu sou espírita, mas não sou de ferro”. E a gente vai arranjando uma série de epítetos, de frases, de justificativas. Como a gente as tinha em outros cultos. Aqueles que não começaram a vida atual no Espiritismo, em que se dizia, eu ouço de muitos amigos meus: “eu sou católico, mas não sou praticante”. Quer dizer, não é. Porque é impossível nós sermos Cristãos sem sermos praticantes, já que Cristianismo não é uma teorização, é uma prática de vida; Espiritismo não é uma teorização, é uma prática de vida, é um *modus vivendi*, é um *modus faciende*, é um *modus operandi*.

Então nós precisaremos nos perguntar como é que está a nossa vida, assimilando o Espiritismo que é uma proposta de vida, uma filosofia de vida. Partindo do princípio que nós não somos forçados a ser espíritas, que nós não somos obrigados a ser espíritas. O Espiritismo é a única Doutrina que não nos ameaça com o fogo do inferno, nem nos promete céus gratuitos. Mas recorda-nos Jesus, ao dizer-nos “a cada um será dado conforme as suas obras”. Não precisaríamos ser espíritas, se a gente não quer ser tão ortodoxo, tão fanático, tão de ferro... Fica na contextualização que lhe permite todos esses ‘mareios’, porque a nossa inclinação antiga, o homem velho que ainda habita em nós, gosta de fazer tudo que lhe apraz durante o dia e cerrar os olhos e rezar durante a noite, nessa dicotomia estranha, entre a verdade e a hipocrisia. Será importantíssimo que nós passemos a verificar a quantas anda a nossa assimilação, enquanto indivíduo, dos Princípios Espíritas. Perguntaria-me alguém “como é que nós vamos mudar de uma hora pra outra”? Mas não é de uma hora para outra. Já é de um século para outro. O Espiritismo vai completar 140 anos. E de Jesus para cá, é de um milênio pra outro. Nós vamos entrar no terceiro milênio... Não é de um dia para outro, é de muitos milhares de dias pra outros. De modo que quando nós lemos o pensamento do Espírito Emmanuel, recebido por Chico Xavier numa mensagem sua, quando Emmanuel diz assim: “com três anos de conhecimento espírita a criatura que não sentiu em si, que não está percebendo em si melhorias, transformações, estagnou na encarnação, estacionou na encarnação”. Vai ficar isso o tempo todo, não ‘enxarca’ nem ‘emurchesse’ de jeito nenhum. Fica aí, esquentando cadeira de Centro Espírita, fungando bastante à mesa de trabalhos e dormindo bastante durante as palestras, desdobrando bastante. Fica assim, não muda mais. Continua bebendo o seu chopezinho de fim de semana, de meio de semana, do começo de semana. Continua com tudo que sempre fez, apenas freqüentando o Centro. Então Emmanuel diz isso, que se com três anos a gente não percebeu essa mudança, é porque estacionou na encarnação. E estaciona mesmo. A gente se acomoda. Todo mundo passa a nos respeitar pela imagem que a gente projeta e a nossa vida continua do mesmo jeitinho. E nós, ao lermos isso, pensamos “mas Emmanuel está exigente demais, três anos”! Quanta gente que me encontra e diz assim “eu tenho, eu estou começando, meu irmão, tenho dez anos só”... Eu digo, “mas com dez anos de Espiritismo, está começando”? Não está mais começando. Mas quando nos surpreendíamos com esse falar de Emmanuel, vamos nos deparar com André Luiz, que nos fala através de Chico Xavier que uma semana de conhecimento spiritista é o suficiente para toda uma vida norteada para o Bem. Olha como é que ele já foi mais longe. A gente tava chiando dos três anos, André Luiz nos fala em uma semana...

De modo que nós começamos a nos dar conta de que a nossa vida particular precisa ir se adaptando gradativamente aos preceitos da Doutrina, porque é através da nossa própria vida que faremos a melhor propaganda da mensagem que amamos. Não adianta falarmos mil coisas se um ato desmente todas aquelas mil coisas que falamos. De modo que “reconhece-se o verdadeiro espírita”, lembra Allan Kardec, “pela sua transformação moral e pelos esforços que empreende para domar as suas más inclinações”. Kardec, a Doutrina Espírita, não vê o espírita como um ser perfeito, acabado, pronto, santificado, angelificado. Mas como essa criatura num campo de lutas, num campo de batalhas, esforçando-se por ajustar sua vida aos princípios da Doutrina. Se os irmãos me perguntarem: “é fácil”? Todos sabemos que não é. Mas se

fosse fácil não precisaríamos reencarnar, enfrentarmos anos de corpo físico, de lutas sociais, de buscas espirituais, para logarmos êxito na nossa busca. Então, é uma tarefa difícil, mas ela é tão mais difícil quanto maior seja a nossa má vontade. Imaginemos alguém que ouça o despertador tocar às seis da manhã, anunciando o horário de ir trabalhar, e diga assim “mas a cama está tão quentinha” e vira para o lado. O relógio toca outra vez, ele vira para o lado, perde a hora. Mas vai culpar a quem? O relógio anunciou, ele acordou, ele se deu conta, mas não quis. Nós vivemos, em termos de vida moral, como alguém nessa cama quente, acomodadinho. “Mas se eu mudar eu vou ter de atender a tanta gente, que entender a tanta gente, eu vou ter de mexer em tantas coisas, ah, é melhor”... “Na outra encarnação a gente muda”... E a gente não sabe quando será a outra, onde será a outra, como será a outra... Quando olhamos hoje os irmãos Toots com os Utus, nas guerras do Zaire, Ruanda, da Libéria, a gente fica se perguntando quem deverá ser esse grupo de Espíritos reencarnados lá. Que devem estar eles acertando com as Leis, já que Deus não erra. Quando nós encontramos essa gama de irmãos, que vivem no Oriente Médio, palestinos e judeus, se arrebatando, se acabando em ódios milenários, quem serão esses Espíritos? Será que esses Espíritos não se contarão entre aqueles que não conseguiram ou não quiseram aprender na base da paz, do amor, e agora têm que aprender no sopapo? Porque o Livro dos Espíritos nos diz que quando uma comunidade não está caminhando suficientemente rápido para promover a sua evolução, Ele permite os abalos sociais, até a guerra, para sacudir. Já que o indivíduo não está fazendo bom uso do corpo, perder o corpo, pra ele, não vai ser problema, porque ele não está fazendo bom uso. Então desencarna, mas acorda, e volta numa nova experiência mais centrado, mais ajustado, querendo aproveitar melhor a vida.

Como é que está este Espiritismo nosso de cada dia, na minha vida? Como é que eu estou aplicando isto? Ainda encontramos companheiros, do nosso Movimento, que é um movimento de lucidez, deveria sê-lo, porque a Doutrina Espírita é uma Doutrina de lucidez, ainda preocupados com as satisfações sociais. Olha o orgulho do homem velho... “Será que eu batizo meu filho que nasceu, porque a vó vai morrer, porque a tia vai morrer, se eu não batizar”? “Será que meu filho ou minha filha se casam na igreja, não se casam na igreja? O quê que a gente vai dizer pra sociedade, que não vai considerá-los casados”? A gente está brigando por farofas, por quinquilharias. Isso já deveria ser ponto pacífico. Se nós entendemos que a criança não carrega pecado de Adão e Eva nenhum, porque a Doutrina Espírita não chancela Adão e Eva, vê como uma lenda, significando as primeiras criaturas que chegaram na Terra e não o primeiro casal. E sabe o espírita que um filho não paga pelos erros dos seus pais. Então não tem que pagar e lavar pecado original nenhum. A Doutrina Espírita nos ensina que o pecado original não é originário de Adão e Eva, é originário de cada um de nós. O que é original nessa encarnação já é velho em outras. É que a gente está trazendo agora e esse pecado, entre aspas, apresenta-se, aparece em nós, mas não que nós tenhamos herdado dos nossos aboengos. Sabemos disso. Então quando a gente diz que não se batiza a criança espírita, não é porque a gente tem alguma coisa os irmãos que batizam, não é porque nós estejamos em oposição aos batizadores. É porque já entendemos, com Emmanuel, no seu livro O Consolador, que o melhor batismo que os espíritas dão aos seus filhos, se o batismo é pra mudar a textura espiritual, será o batismo educacional. E é esse batismo educacional que a turma foge de empreender... Porque esse dá trabalho. Educar um filho, batizando-o para libertar-se dos seus equívocos ancestrais, é trabalhoso, é oneroso emocionalmente. Desgasta. Quando a gente gostaria de colocar na escola e a professora dar conta. Colocar no jiu-jitsu e o educador físico dar conta. Colocar no Centro Espírita e o evangelizador dar conta. E em casa a gente só dá beijinho, beijinho, e a mesada. Chegará um ponto que além da mesada a gente terá que dar cadeirada. Porque a criatura não foi devidamente educada, não foi devidamente batizada. Vejamos que a questão é que nossas concepções de vida são diferentes. Passam a ser diferentes quando nós aprendemos com Jesus o dar a César o que é de César, sabemos que será importante, quando nós ou nossos filhos vamos diante das leis, da justiça, do juiz, assinar os documentos, legalizando a formação do nosso lar, sabendo que não é aquele documento que faz a união, mas é o respeito público à sociedade, integrando a nossa nova família ao contexto da sociedade organizada. É para atendermos a preceitos de César, a preceitos legais, para que a nossa família tenha reconhecimento público a partir de então. Não se diz que a pessoa não vai casar-se no altar ou na igreja ou isso ou aquilo por preconceito às outras crenças, mas porque a Doutrina Espírita nos diz o que é o casamento. Alguém nos perguntou oportunamente “mas como é que a gente vai se casar diante de Deus”? Mas Deus não está nos altares. Deus está no altar íntimo de cada um. Isso a gente aprende desde o Evangelho. Deus está em toda parte. Quando a gente vê na América do Norte, na Europa, os casais escolhendo se casarem nos jardins públicos, diante de fontes, de canteiros

de flores... Ué, porque Deus está em toda parte. Outros querem casar-se na beira do mar. Nós vemos isso fora do Brasil. Já está se começando a introduzir isso aqui, sair daquela coisa de que tem que ser no altar da igreja, no salão da casa do pai, senão o pai morre do coração. Essas tolices de mentalidade terceiro-mundista. Não é o país que é terceiro-mundista, é a cabeça da gente. Terceiro, quarto, quinto-mundista... Então à medida que nós vamos nos soltando, onde é que se casa diante de Deus? Em qualquer lugar... Porque onde é que Deus não está? De modo que quando nós caímos no bom senso, a vida fica mais fácil. Eu não estou dando satisfação para A, B ou C. Eu estou dando satisfação à minha consciência. Eu estou realizando o que eu sei que devo. E cada um trata de si.

Então a Doutrina Espírita vivida por nós, nesta postura diária de parar, pensar, realizar o bom senso, vai nos fazer chegar no mercado e olhar aquele monte de penduricalhos e nos perguntar “pra quê que eu vou levar isso”? E aquele espírito consumista, do materialismo nosso, vai ficando em segundo plano. Somos onzenários, mão-fechadas? Não é obrigatório ser. Teremos que ser racionais. “Se eu não preciso disso, pra quê que eu vou comprar”? “Ah, porque está barato”? Não. Não compra porque está barato. Não preciso. E deve haver outras coisas baratas na cidade que a gente precisa. Então o bom senso que a Doutrina Espírita vai trabalhando em nós, educando-nos, não precisa ninguém estar gritando contra o consumismo, porque nós não temos nenhum problema com o consumismo, quando a Doutrina fala dentro de nós. Faz-nos recordar Sócrates, alguns biógrafos seus dizem que ele diariamente ia ao mercado público de Atenas, olhava as coisas, estante por estante, e depois não comprava nada. E saía feliz da vida. E os discípulos que o acompanhavam, os amigos que o viam, chegaram a imaginar que Sócrates sofresse de alguma perturbação mental, porque ele ia diariamente ao super-mercado, quer dizer, naquela época não era super-mercado, era o mercado de Atenas. A gente vai adaptando a linguagem de hoje, pra ficar mais claro. Ele ia ao mercado de Atenas, olhava, olhava e saía. Até que um dia alguém não se agüentou, devia ser um espírita lá, que não consegue ficar com a boca calada, e aí foi perguntar pro Sócrates, “afinal de contas, mestre” (e esse mestre deve ter saído com deboche), “eu não entendo porque é que o senhor vem todos os dias, olha tudo, olha e sai feliz da vida sem comprar nada”. E teria respondido Sócrates: “a minha felicidade é por constatar quanta quinquilharia que eu já não preciso”. Então a gente fica olhando como é que se fez o mundo do consumo, porque a gente não pára pra pensar. Pelo menos como Sócrates. Há coisas que a gente vai olhar e vai dizer “eu preciso disso”. Que bom que isso foi lançado no mercado, porque a vida hoje não é igual à vida daquele tempo da Grécia. Sem dúvida... Hoje, se a gente não tiver em casa um microondas, uma infelicidade. Se não tiver em casa uma lavadora de roupa, a vida que a mulher tem, que sai de manhã, chega de tarde, chega de noite, o homem também. Naquele tempo, não. A mulher ficava fazendo isso. Claro que se a vida mudou, nós temos que nos adaptar a essa mudança, mas com bom senso. Uma casa sem uma máquina de lavar roupa hoje, a dona de casa está arruinada. Porque enquanto ela está fazendo um serviço, a máquina vai fazendo outro. De acordo com o número de familiares a lavadora de louças é uma benção. Mas, quando a gente olha o quarto de bugigangas e vê quanta coisa a gente nem usa e nem dá pra ninguém, aí a gente cora de vergonha. No meu caso, eu ‘arroxeio’ de vergonha.

Doutrina Espírita, em nossa vida, é algo importantíssimo. Antes de eu querer convencer os outros, converter os outros, fazer com que a cidade toda fique espírita, que o estado todo fique espírita, eu preciso me perguntar como é que está o meu Espiritismo em mim. Se eu conseguir me transformar pouco a pouco, passo a passo, dia a dia, quem convive comigo vai sentir esse aroma novo. Vai verificar esse brilho novo e vai se interessar por esse indivíduo novo que eu passarei a ser. Se eu digo mil coisas lindas, dou livro espírita, pinto e bordo, e a pessoa diz “mas é isso que é ser espírita”? Nem lê o livro... De modo que muita gente lê o livro porque vê como a gente vive.

Ainda anteontem fomos colhidos, no Brasil inteiro, pela notícia do acidente com o avião da TAM. E logo que vimos os nomes pela tela da televisão, lá no meio havia o nome de um dos nossos jovens do Grupo Espírita, da mocidade espírita, evangelizador, trabalhador queridíssimo, recentemente formado em engenharia, e arranhou emprego numa fábrica multinacional e viajava, assistindo as fábricas, feliz por ter arranjado emprego logo que se formou. E quando vimos o seu nome e soubemos que não escapou ninguém, foi aquela consternação, em todo mundo. Todos se telefonaram, todos, e a juventude, o grupo de moços do qual ele fazia parte, moços espíritas, combinaram de se reunir na casa de um deles, no entardecer, porque deu tempo de avisar a todo mundo, e foram orar pelo companheiro. Levantar as coisas lindas

da convivência com ele. Que linda evocação... E orar. Claro que choraram, se emocionaram, mas o clima de equilíbrio e de paz naquele “até breve”, que ninguém sabe nem se vai poder sepultar o corpo, porque pode ser um desses irreconhecíveis. Mas a emoção natural do espírita que sabe que a vida não morre com a morte do corpo. Enquanto os deixei lá, estamos aqui nós, vibrando, cantando a vida espírita, que estua nos ensinamentos do Consolador.

De modo que depois que a gente avalia como é que está esse Espiritismo em nós, como é que nós estamos assimilando diariamente esse Espiritismo, aí a gente começa a pensar nas outras relações nossas. No trânsito, como é que eu sou espírita no trânsito. Quando alguém me dá aquela fechada, e que a gente tem que dar aquela freada brusca e o sangue vem às têmporas. E a gente olha pro outro e “vai com Deus, miserável”... Haja amor! Não é? Então nessa hora a gente começa a pensar o quanto que a gente ainda tem pra corrigir, que a gente manda um “vai com Deus”, mas ainda temperado com um pouco de homem velho. Mas já estamos começando... Há quantos que descem do carro de arma na mão. Há quantos que nem descem, já atiram. Nós estamos lutando e conseguindo. Ficamos tensos, nervosos, depois baixamos a tensão e dizemos “estamos num mundo de provas e expiações”. E é assim que o espiritista vai vivendo o seu cotidiano. Não é a criatura perfeita, que o outro fechou, bateu e ele diz “vai com Deus, querido, não precisa pagar não; na outra encarnação você me paga, eu sou druida”... No final nós seremos ‘droidos’, não? Não é isto. Então nós às vezes ficamos nessa duplicidade de comportamento. Será que a gente, pra ser espírita, tem que ser capacho, tem que aturar tudo, suportar tudo, engolir tudo, ou a gente tem que falar de tudo, corrigir tudo, mexer em tudo... O meio termo é muito importante. Saber até onde ir, até onde ficar, o que falar, o que calar. A Doutrina Espírita nos dá as dimensões para tudo isso. O quê que eu tenho que levar para a justiça do mundo, o quê que eu não preciso mexer com a justiça do mundo. Então se eu, para ganhar dez reais, eu pago um milhão ao advogado, é só por orgulho. Aí a gente não precisa botar na justiça. Mas se é uma pendência séria, que a lei humana que terá que resolver, se a gente não recorrer à lei humana é omissão. Então foi Jesus Cristo que nos ensinou isso, dar a César o que é de César, dar a Deus o que é de Deus. Quando se pôs fogo em Barcelona, nos 300 volumes de obras espíritas, em 1861, naquele distante 9 de outubro, no Auto de Fé de Barcelona, Allan Kardec perguntou aos Espíritos, já que tudo estava pago, os impostos, os livros entraram na Espanha, tudo corretamente, se valeria a pena ele ir à justiça, contra a arbitrariedade de Dom Palau. E o Espírito da Verdade lhe disse, o Espírito da Verdade, conforme nós lemos em Obras Póstumas, que ele poderia ir, sem dúvida ganharia a questão. Mas, a Doutrina e o Movimento não lucrariam tanto quanto se ele silenciasse. Porque a partir daquela Auto de Fé, toda a Espanha quis saber que livro é aquele que a Igreja teve a necessidade de queimar. Devia ser uma coisa muito importante. E tudo que é proibido é cobijado, não é de hoje. E foi aí que o Espiritismo entrou na Espanha inteira, antes só entraria em Barcelona. Deus não erra. Então nós, os espiritistas, temos que ter essa consciência das coisas que valem a pena tocarmos em frente, buscarmos a justiça humana. E coisas que vale a pena deixar sob o crivo da Justiça de cima.

Então, como é que está minha vida espírita a cada dia? Se eu sou um espírita comerciante, como é que eu comercio as coisas? Será que eu vendo um artigo de terceira dizendo que é de primeira? Pra tirar lucro fácil? Sem pensar que aquilo não vai ter a durabilidade que eu estou anunciando. Que a casa pode cair com aquele material de segunda ou de terceira que eu estou oferecendo como de primeira? Como é que eu sou espírita comerciante? Como é que eu sou espírita professor? Como é que eu sou espírita médico? Será que nessas greves loucas em que a gente pretende brigar com o patrão, a gente não está brigando é com o povo? Porque se eu sou professor da classe pobre e paro de dar a aula, eu faço o jogo dos dominadores, porque o rico não precisa do nosso trabalho. Os pobres é que precisam. Os ricos podem pagar preceptores, professores particulares. Os pobres é que não podem. Ao invés de fazermos o jogo, de levantar o povo, vamos brigar com o patrão, mas vamos atender a essa gente que precisa de nós. Como é que um pobre de um pronto socorro, ou de um hospital geral, vai sobreviver se nós, que fizemos juramento médico, o juramento de Hipócrates, resolvemos, porque estamos brigando com o patrão, com o governo, não atender os doentes pobres? Fazemos o jogo dos patrões poderosos. Iríamos brigar com eles, iríamos fazer os comícios, iríamos às assembleias, iríamos às portas dos palácios, mas atender a esse povo. Como é que eu estou fazendo o meu movimento? Egoisticamente? Já que eu não estou ganhando, que se dane o mundo. Será esse o procedimento cristão? Se a nossa briga é com o patrão, porque é que o povo miúdo tem que pagar? Então eu estou fazendo com o povo miúdo o mesmo que o patrão está fazendo comigo, ou

pior! Então, como é que é o bom senso? Como é que a gente trabalha esse bom senso? Eu não vou participar da greve? Vou. Até onde ela seja digna, lúcida, madura e não quando ela passa a ser pirracenta, estapafúrdia e altamente prejudicial aos interesses da vida. Em certa ocasião, por pouco não fui linchado. Porque alguém me perguntou, numa assembléia profissional, e os trabalhadores de ônibus, de veículos automotores, como é que a gente vai fazer um movimento que impressione os patrões? Eu digo “ai meu Deus, eu não sou sindicalista, eu não entendo nada disso, mas a gente tem um pouco de pensar”. Se a gente quer brigar com o patrão, a gente leva o povo no ônibus, só não cobra a passagem... Não prejudicamos a sociedade e criamos no patrão a necessidade de olhar, porque é o ônibus dele que tá na rua, é o profissional dele que tá na rua, e ele não está recebendo. E não estamos prejudicando a massa. Foi um carnaval! E eu digo: “agora eu senti o que é ser subversivo”! É de um momento para outro.

Então, como é que a gente está vivendo o Espiritismo? Como é que ele está entrando no nosso psiquismo. O Espiritismo não pode ser uma mensagem pra gente falar pros outros, e fazer aquela de Santa Izildinha. O Espiritismo tem que ser energia circulando em nossas veias, em nossas vidas, em tudo quanto a gente fizer, Espiritismo. E aí nós vamos saindo das palavras e passando às ações espíritas. Tem que ser as nossas ações cotidianas. Se eu sou espírita na família, eu já sei que via de regra as famílias não são formadas ao azar. Estamos dentro de uma textura programática. Há laços, há vínculos, que nos prendem, de passados próximos, de passados remotos. Sabemos que a esposa, o esposo, quando não foram escolhidos via interesses imediatos, têm tudo a ver com nossa realidade espiritual. E quando pensava isto com os meus botões, um amigo espiritual me disse que também aqueles ou aquelas, que a gente escolhe por interesse, estão no nosso programa. É que se não tivesse o interesse a gente não os escolheria. E de repente escolhemos a moça pro casamento porque ela é bonita de corpo, porque ela é bem feita de corpo, porque o interesse é o corpo. E depois que casa ela desengonça, aquele corpo de vênus desaparece. E se não existia o amor verdadeiro, era apenas o apego ao corpo, acabou o casamento. Se escolhemos a moça pelo *status* econômico de sua família, era o chamariz que a gente precisava, senão não a escolheria. Senão não o escolheria, no caso da moça ao rapaz. E se há um acidente econômico, e se perde isto, acabou o casamento. Mas até que ocorram esses episódios nós já estamos vendo, estamos no lugar certo, com a pessoa certa, no momento evolutivo certo. Ora, sabemos que a família não é uma coisa, não é um ajuntamento antropológico, sociológico, ao acaso, como muita gente pensa. “Ah, eu podia ter casado com um banqueiro”; “ah, eu podia ter casado com um senador”; “eu podia ter casado com fulano”; “eu podia”... A gente fala que podia ter casado, que podia casar ou poderá casar, como quem diz assim “não, eu vou comprar aquele vestido”; “não, eu posso comprar aquele outro”. “Eu vou vestir aquele tailleur”; “não, eu vou vestir aquele traje”... Como se fossem coisas ao azar. Para o espírita leal consigo mesmo, a família tem um sentido. Que os Espíritos dizem que é um telefinalismo, é um finalismo distante, é um objetivo longínquo, por isso chamado de tele, distante, finalismo, há uma finalidade a longo prazo. Se eu não conseguir aprender a conviver com 4, com 5, com 10 pessoas, sofrendo, chorando, sorrindo, amando, odiando, entristecendo, renovando-nos, se eu não conseguir fazer essa atividade com um pequeno grupo de pessoas, como poderei atender à proposta da Divindade que é a da família Universal? Como eu amarei a humanidade se não amar a 5, 6, 10. Entendendo que cada um é um e eu também sou um em mim. E que precisamos ajustar-nos às diferenças individuais. Então cada família é um cadinho, é uma escola, é um laboratório. Como espírita eu sei isto. E quando a esposa olha o marido difícil, será que ela não pensará “porque é que eu estou com esse marido difícil?” Quando o esposo tem uma companheira complicada, se ele é espírita, será que não pensará “qual a razão de eu estar unido a uma companheira complicada?” Se a gente olhar no fundo da complicação dele, no fundo da complicação dela, eles se adoram, cada um a seu jeito. Eles se amam, cada um a seu modo. E quando a gente olha os filhos, esse filho que é rebelde, esse filho que desde pequeno nos dá mão-de-obra, e que muitos pais tristemente resolveram chamar de ‘aborrecentes’. “Será que não há uma razão subjacente, a essa ‘aborrecência’, a esse Espírito que hoje é meu filho?” Será que quando os filhos esbravejam com pais difíceis, com mães difíceis, se ele é espírita, se ele está se iniciando na mocidade, se ele se iniciou na evangelização, não estará pensando porque é que ele tem esses pais? Porque é que ele tem essas mães? Tão difíceis para ele.

Então meus amigos, quando pensamos nesse Espiritismo nosso de cada dia, é de cada dia mesmo. Quando a gente lida com aquela pessoa no emprego, que hoje fala com a gente, amanhã não fala com a gente. Se é meu patrão, hoje eu tenho que suportar o fígado dele. Se é meu empregado, eu tenho que a-

güentar a má vontade, porque se eu mandar embora também eu fico sem quem me preste o serviço. E se eu deixá-o, o meu trabalho vira uma baderna. Como é que a gente faz? E a Doutrina nos convoca ao bom senso. Sempre ao bom senso. Sempre à lucidez. Quando eu penso na família, retornando a ela, e sei que há um programa, o que não me obriga, que não me impõe, mas que me leva a, que me orienta para, que me sugere isto, na hora que eu penso “eu vou me separar”, penso duas vezes. “Se esse tihoso está assim hoje, como é que eu vou agüentar ele de volta amanhã?” “Se essa tihosa é assim agora, com tudo que eu dou de carinho, de atenção, se eu largar no mundo, como é que volta?” E uma amiga me perguntou, com muita verdade: “Raul, tem umas coisas que eu não entendo no Espiritismo”. Eu falei: “por exemplo?” “Vejam, eu trabalhei com meu marido, pra manter o nosso lar, o quanto eu pude. Silenciei muitas coisas, renunciei muitas coisas, vi minha juventude passar sob o tacão de um homem revoltoso, alcoólatra, perturbado, violento, querendo reagir como ele fazia; eu silenciei, para entender que ele era doente. E ao cabo de tudo isso, depois de tudo isso, quando eu já não era mais uma moça jovem, os filhos criados, ele descobre uma gata, diz adeus ao nosso lar e vai embora. Depois de tudo que nós em casa fizemos, porque eu doutrinava meus filhos para terem paciência com o pai, para entender o pai, para não terem ódio do pai. E ainda em outra encarnação eu vou ter que agüentar ele?” Eu digo: “ué! É uma questão bastante procedente”. Era tão séria e eu nunca tinha pensado, que eu levei aos amigos espirituais a proposta. E o nosso bom Camilo, nosso benfeitor, me disse: “não, meu filho; analisa com bom senso. Quem está devendo à Lei é ele agora. Se ela fez tudo quanto devia, se libertou. Só virá com ele de novo se ela quiser. Tarefa de amor. Por abnegação. Mas ele encontrará, pelos caminhos novos que criou, alguém que vai fazê-lo acertar o que deve à ela. Porque em verdade, meu filho”, disse-me o benfeitor, “quando nós ofendemos a uma pessoa, em verdade mesmo não ofendemos a essa pessoa. Nós desequilibramos as Leis. Passamos a dever às Leis. Porque essa pessoa a qual nós perturbamos, a qual prejudicamos, poderá nos perdoar, e não tem mais nada com a gente. O perdão supera a multidão dos pecados. A pessoa nos perdoou, tá livre de nós. Mas nós estamos perdoados, mas não limpos, como diz o Evangelho. Ficamos devendo às Leis. E pelo mundo vamos encontrar muita gente na nossa sintonia que vai nos fazer resgatar o que nós fizemos à vida. A cada um segundo suas obras”. Eu fiquei feliz com a resposta, e fui levar à minha amiga. “Agora fique tranqüila, que só se você quiser”. Eu pensei que ela fosse festejar, comemorar. Ela me disse: “quer dizer que eu não vou ver mais ele?” Eu digo: “ah, miserável! Afinal de contas, o que você quer?” Quem vai entender as mulheres? Eu falei: “mas, afinal de contas, você queria se ver”... “Não, eu só queria saber se eu tinha obrigação”. “Obrigação não vai ter. Se você quiser vir por amor, já faça sua inscrição, traga ele de volta”.

Então, a vida Espírita vai se tornando uma vida saborosa de se viver. Aquilo que a gente faz, a gente sabe porque que está fazendo. Onde a gente pisa, a gente sabe porque é que está pisando. Embora a gente tenha que dizer “não” muitas vezes, tenha que dizer “não” com cara feia, tenha que impostar a voz, pra... Mas, no fundo, nós não estamos guardando mágoa nem ódio. O importante é a nossa vibração. Se a nossa vibração não é de ódio, não é de mágoa, está tudo bem. Porque se nós estivermos diante de um tigre faminto e quisermos mostrar pra ele o Evangelho, “meu irmãozinho tigre”, ele nos devora e lambe o Evangelho de sobremesa. Para tigres, látigos. O estalo do chicote, ele sossega. Sem que a gente tenha obrigação de bater nele com o chicote. Mas o estalo ele tem que escutar, pra parar. Então é importantíssimo que na vida muitas vezes a gente tome o chicote na mão. É importante que muitas vezes a gente bata firme com o pé no chão. Mas, que não haja do coração, o envenenamento fluídico. Quando nós nos perdermos mentalmente, ainda que eu diga palavras melífluas, bonitas, mas se a vibração não estiver boa, nós vamos enfermizando mais a situação que queremos reajustar.

O Espiritismo nosso em cada dia vai nos falando de coisas que são importantes ao nosso cotidiano. Na nossa profissão, na nossa família, como é que a gente está realizando a vida. Como é que a gente está trabalhando. Se eu sei que meus filhos não são meus filhos, como diz Exupéry, como diz Kahlil Gibran, são os filhos e filhas da vida, da ânsia da vida por si mesma. Quando ouvimos Gibran dizer que eles nascem por nós, mas não nascem de nós. Que eles vivem conosco mas não nos pertencem. Começamos a pensar no que lhes temos que dar. Se criarmos os filhos como se fossem nossos bibelôs, nossos pertences, é uma tragédia. Não os educamos para a vida, não os preparamos para a vida, não os preparamos para a morte. Se nós partimos do princípio que nossos filhos carnais são irmãos nossos em Deus, que no-los empresta, temporariamente, para realizarmos um trabalho com eles, e realizarmos um trabalho conosco, en-

quanto educamos um filho também nos reeducamos, quantas coisas aprendemos com eles, quantas coisas eles aprendem conosco. Quando a gente tem essa visão da relatividade da autoridade, quando acordamos para o fato de que o nosso filho pode ser um Espírito mais velho, mais maduro do que nós, mas que naquele período está precisando da nossa orientação, começamos a pensar mais seriamente no que estamos fazendo com nossos filhos. Na educação que lhes damos. Se não estamos sendo excessivos pra mais ou pra menos. Porque sabemos que vamos ter que dar conta às Leis da Consciência. Conforme nos chama a atenção o capítulo 14 do Evangelho Segundo o Espiritismo, item 9: “ó, espíritas, compreendei a grande missão da humanidade”, diz Santo Agostinho, “quando um Espírito mergulha no corpo novo, ele o faz com o objetivo de evoluir”. E avança o texto, até que Santo Agostinho nos dirá “quando do mundo espiritual vos sentireis contentes por vê-los felizes, graças ao impulso que lhes destes. Mas estareis muito infelizes se os virdes sofrendo na Terra por questões que poderíeis ter orientado, amenizado, transformado”. Diz o texto de Santo Agostinho, “que o Senhor perguntará aos pais ‘que fizeste do filho que vos confiei’”? Só de ler nos arrepiamos... A voz da consciência nos perguntar “que fizeste do filho que te confiei”? E o quê que a gente vai dizer? “Não, Senhor, eu achei que era meu”... A Doutrina Espírita nos diz que não são nossos. São os filhos de Deus, emprestados às nossas mãos. Aí a nossa relação educação/filho vai ser completamente diferente. Eu não vou educar meu filho como o vizinho educa os seus. Porque eu conheço a Doutrina, eu conheço a reencarnação, eu vou educar os meus filhos como eu sei que devo, porque eles são Espíritos reencarnados. Vamos trabalhar a questão da violência, e ao invés de dizer “quando apanhar na rua bata também”, eu estou querendo corrigir uma criminalidade com outra criminalidade. “Se vier chorando pra casa, apanha!” Não... “Venha pra casa porque nós vamos conversar, vamos racionalizar isto. Você não vai se sentir ofendido, nem ultrajado”. Mas vamos ensinar aos filhos que quando um não quer, dois não brigam. É mais fácil silenciar, calar a boca, passar por covarde, sendo grande por dentro. É mais difícil ser homem suportando do que reagindo, e partindo para a mesma agressão. E a hombridade maior é quando a gente ouve expressões e doestos, expressões negativas e doestos, e silencia, e reflete, e pensa: “fulano não pode estar bem”. “Beltrano não pode estar bom. Deve estar com algum problema, deve estar doente”. Então essa é a grande motivação que a gente tem para trabalhar a educação dos filhos, sabendo que eles precisam de atenção, de carinho, de presença. Muitos deles são intelectuais, mas são carentes afetivos. E quando os pais não os ligam, quando as mães não os aconchegam, eles vão procurar na rua quem o faça. E se tornam drogados. Enveredam para os desequilíbrios da libido, as compensações. Aquele pai que nunca agasalhou, que nunca beijou o seu filho, porque é homem... Mas o Espírito tem necessidade dessa duplicidade energética, da mãe e do pai. Essa energia feminina de um, a energia masculina do outro, complementando o equilíbrio da criança. Se o pai não o abraça nunca, se o pai não o beija nunca, se o pai não se entenece nunca, daqui a pouco alguém na rua “vem aqui, meu filho, me dá um abraço”. Ele não tem como fugir porque é a grande sede que ele tem. De um abraço de um pai. E a gente não sabe se o estranho lhe dará o abraço de pai. Quantas coisas a gente pode evitar dentro de casa. Quantas coisas nós podemos resolver dentro de casa quando temos a visão espírita no cotidiano. Ajudando-nos, ajustando-nos, nos permitindo o crescimento, nos fazendo avançar. Essa reflexão das coisas que a ciência formal não resolve. Não há laboratório que equacione esses problemas do sentimento, da afetividade. Não há positivismo que dê conta disso. Mas o Evangelho de Jesus dá. A Doutrina Espírita dá. Dentro dessa visão filosófica, dessa visão teológica, dessa visão espiritual.

Então quando a gente conhece a Doutrina e vai pondo os seus princípios na marcha do nosso cotidiano, fica mais fácil viver, embora seja duro ter que nos enfrentar. Temos fórmulas muito pessoais para tentar resolver questões que nunca resolvemos. Basta ver como nós agimos na comunidade dos nossos afetos e afins. “Se eu fosse fulano, eu faria isso”. “Se eu fosse beltrano, eu diria isso”. Não diria nem faria. Porque nós somos quem somos e não resolvemos a nossa vida. Mas temos uma habilidade para resolver a vida dos outros. “Ah, se eu fosse fulano”... Porque eu estou fora. De fora a gente vê com outra angustiação. Também as outras pessoas têm a solução para os nossos problemas, formidáveis. Quando elas nos trazem a solução, eu digo “mas eu não posso fazer isso”. Porque nós conhecemos a intimidade da própria vida e sabemos “eu não posso fazer isso; não tenho como realizar isso”. Mas quem está do lado de fora, que só vê a casca da nossa vida, só vê a parede pintada do palácio. Mas não sabe dos tubos arreventados na intimidade do palácio, da sujeira que nós temos que limpar, dos detritos que nós temos que tirar. Mas vê os muros pintados, as paredes pintadas, e fazem um projeto para nós que não corresponde às nossas possibilidades de implementar.

Espiritismo cotidiano, é o de que precisamos. Não podemos ter o Espiritismo de toda quinta-feira, que é dia de sessão. De toda segunda-feira, que é dia de sessão. Aí a gente vai lá, aí a gente é espírita, durante uma hora, uma hora e meia, duas horas. E volta pra casa, homem do mundo, mulher do mundo, como todo mundo. Não vale a pena. Ou esse Espiritismo se entranha em nós, enraíza em nós, pouquinho a pouquinho, como uma vitamina que vai nutrindo o organismo através da corrente sangüínea, pouco a pouco. E ao longo dos meses, e ao longo dos anos, o médico dá alta à criança. Lá se foi a anemia. Já se foi a desnutrição. Também o Espiritismo vai curando a nossa anemia espiritual, vai nos nutrindo moralmente.

Para que nestes tempos de tanta agressão geral, a gente consiga ser o que tem que ser. Não é fácil. Os homens do sexo masculino, tendo que ser prostitutas para ter valor na sociedade. Homem que tem uma esposa só, já era. Homem que não tem amante, já era. E homem espírita, sabe que não é assim. E a mulher espírita, que trabalha fora, ou que não trabalha fora, mas que não tem um 'gato', que não tem um caso, que não tem uma aventura... Que é isto? Isso é coisa da época... Mas não faz parte da Verdade Divina. E nós estamos buscando a Verdade Divina, e não as modas da época. Porque tudo isso passará. No Rio de Janeiro se estabeleceu que a sexta-feira é o dia nacional da infidelidade. Homens e mulheres, sempre trabalham até mais tarde na repartição, e todo mundo sabe disso. E faz-se o jogo do 'faz-de-contaque'. Dia nacional da infidelidade. Pode haver alguma coisa mais grotesca? Mais absurda? Para dizer que a gente é moderno? Isso não é modernidade, não é ser moderno isso, é ser 'modernoso'. É pejorativo, é dizer o quanto nós ainda somos irracionais. Como o corpo grita mais alto do que o bom senso, do que o discernimento. O Espiritismo nosso de cada dia nos diz "não, respeito é bom e eu gosto". Sem nenhum prurido de puritanismo, de 'santisse', mas de nobreza moral. Importantíssimo que homens e mulheres achegados à Doutrina Espírita, nos condicionemos a não viver como a sociedade quer que a gente viva. Como a televisão ou as mídias outras imprimem, através de suas telenovelas, de seus noticiários, de seus casos especiais, como é que tem que ser a vida da comunidade. Nós sabemos que não deve ser assim. Porque tem o retorno, tem a volta. Como diz o ditado popular, "tem o troco".

Então faz sentido sim, que nós trabalheemos profundamente para que a nossa fé espírita seja inabalável. E só pode ter uma fé inabalável quem a construiu com cérebro e coração. Quem aprendeu a estudar, a conhecer, a saber porque, e metabolizou esses conhecimentos, e assimilou esses conhecimentos, e colocou na corrente sangüínea, entre aspas, esse conhecimento. Agora, a fé espírita não será a fé de quem sabe porque ouviu dizer, mas será a fé de quem sabe porque conhece. De quem sabe porque estudou. A fé de quem crê porque sabe. Por isso é que o Espírito de Verdade nos diz os dois mandamentos aos espíritas deixados: "Espíritas, amai-vos, eis o primeiro ensino; instrui-vos, eis o segundo". E a partir daqui, queridas irmãs, queridos irmãos, começaremos a refletir melhor no nosso Espiritismo de cada dia. Ao sairmos de casa, antes da pressa, nossa oração. Não sabemos se vamos voltar. Não sabemos o que nos espera na estrada. No emprego. No avião, no ônibus, na estrada, no nosso automóvel. Oremos e nos entreguemos a Deus. Quando chegarmos à noite, antes de nos atirmos no leito como quem vai acabar, dois minutos de agradecimento a Deus, elevar o pensamento pelo dia que nós conseguimos superar, pelo que aprendemos, pelo que ganhamos, pelo que perdemos, de negativo, pelo que nós construímos. Então, esse Espiritismo nosso de cada dia começa ao amanhecer, conclui-se quando vamos repousar. E graças a isso, conduziremos, em nosso coração, Jesus. Límpido, claro, numa nova e necessária transfiguração. MUITÍSSIMO obrigado.

(Raul Teixeira, transcrição de palestra em áudio)